



Publicar e
destacar
Dante de

VOTO DE PESAR N.º 190/IX
pelo falecimento de
Sophia Mello Breyner Andresen

“O artista não é, e nunca foi, um homem isolado que vive no alto de uma torre de marfim. O artista, mesmo aquele que se coloca à margem da convivência, influenciará necessariamente, através da sua obra, a vida e o destino dos outros.” Estas são palavras de Sophia de Mello Breyner Andresen, ou simplesmente Sophia, nome que se tornou sinónimo de poesia e que, pela sua obra e pela sua vida, influenciou como poucos o nosso destino colectivo.

A poesia foi, no dizer de Sophia, a sua explicação com o universo. Detestou sempre as palavras da literatura. Reabilitou a palavra poética e o sentido mágico do poema. A sua escrita foi uma constante perseguição do real. Por isso está carregada de sabores, cheiros, dos rumores da casa onde há sempre um deus fantástico, de pássaros que cantam no jardim, de memórias, vivências, da presença-ausência do mar, das procelárias, dos ventos, dos barcos e dos barros, das ânforas, dos ofícios, dos rostos. E também dos homens, das suas cadeias, das suas injustiças, dos seus combates. Como ela própria diz: “O poema não fala de uma vida ideal mas de uma vida concreta.” E nesse seu falar a transfigura. É a busca de uma “relação justa com a pedra, com o rio, com a árvore.” E quem procura uma relação justa com as coisas procura “uma relação justa com o homem.”

E por isso é que Sophia considera que “a poesia é uma moral” e que “o poeta é levado a buscar a justiça pela própria natureza da sua poesia.” Este é outro aspecto essencial da poesia de Sophia: o rigor, a comunhão, a partilha, a inteligência e a intransigência da liberdade e da justiça, a contenção, a tensão e a atenção, como sinal de exigência e da responsabilidade perante si e os outros.

Como os gregos antigos ela achava que a poesia devia ter um sentido didáctico e pedagógico. Cantou a liberdade por uma necessidade íntima. Denunciou “o tempo de silêncio e de mordaza” e disse que “Nunca choraremos bastante quando vemos / O gesto criador ser impedido.” Falou do “velho abutre que alisa as suas penas” e cujos discursos “têm o dom de tornar as almas mais pequenas.” Criticou a guerra colonial e pediu “A paz que nasce da verdade / A paz que nasce da justiça / A paz chamada liberdade / A paz sem vencedores e sem vencidos.” Sophia nunca se encerrou em qualquer torre de marfim. Esteve sempre do lado dos que lutaram pela liberdade e pela justiça. Foi chamada à Pide, mas ninguém conseguiu impedi-la de fazer ouvir sempre a sua voz, reclamando “uma vida limpa e um tempo justo” e uma Pátria de “luz perfeita e clara.” Saudou a essência do 25 de Abril em quatro versos que hoje todos sabem de cor. Mas alertou contra a demagogia e aquilo a que chamou “o capitalismo das palavras.”

Participou na fundação da democracia, como deputada do Partido Socialista à Assembleia Constituinte. Apoiou activamente as candidaturas de Mário Soares e Jorge Sampaio à Presidência da República, de cujas Comissões de Honra fez parte. Esteve em muitos outros combates antes e depois do 25 de Abril.

Assim foi Sophia, aquela que disse:

“A terra onde estamos – se ninguém atraçoasse – proporia
Cada dia a cada um a liberdade e o reino.”

O que dela fica é o esplendor da sua escrita. Mas fica também a beleza da sua pessoa e da sua vida.

A Assembleia da República presta homenagem a esta grande voz da poesia, da liberdade e de Portugal, sem dúvida uma das grandes vozes portuguesas de todos os tempos, e apresenta as mais sentidas condolências aos ^{seus filhos} Miguel, à Isabel Sophia, à Maria, à Sophia, ao Xavier, aos seus netos e a toda a sua família.

S. Bento, 8 de Julho de 2004

Manuel Alegre J. B. Costa Gomes
Alicia Arellano
José Manuel
José Manuel
Bernardino Gonçalves
Francisco Louçã